

Agradecimentos

A publicação desta obra acontece exatamente dez anos após a realização das minhas primeiras incursões etnográficas de campo, em que dava início a um longo e nada linear trajeto de pesquisa em torno de temas relacionados ao passado e presente das medidas de controle da hanseníase e às demandas e conquistas políticas das pessoas afetadas por essa doença. Dessa forma, nas linhas que seguem, tomarei a oportunidade para agradecer não apenas aquelas pessoas que colaboraram diretamente para a efetivação do presente projeto, como também todas aquelas que tanto me ensinaram sobre as histórias, as negociações e as questões contemporâneas em torno da hanseníase e sobre as diferentes formas de se fazer antropologia. Embora essa obra seja resultado de uma empreitada de pesquisa desenvolvida entre os anos de 2015 e 2019, ela também faz parte de uma história mais longa de interlocuções, aprendizados e de colaborações que remonta ao começo de 2012.

Em primeiro lugar, agradeço às organizadoras e aos organizadores, bem como à comissão julgadora da 1ª edição do Prêmio de Tese de Doutorado em Antropologia da Saúde “Tabita Bentes dos Santos”, entregue na IV Reunião de Antropologia da Saúde, em 2021, pelo reconhecimento e pela oportunidade de publicação desta obra. Em especial Ana Cláudia Rodrigues da Silva, Russell Parry Scott e Ana Carla Lemos. Agradeço ainda à Comissão Editorial de Livros Científicos da Associação Brasileira de Antropologia, em especial à Tânia Welter e Carlos Alberto Steil, pelo suporte ao longo da preparação deste livro. Agradeço também à equipe da Papéis Selvagens Edições pelo trabalho realizado na produção deste livro, e à Angélica Mello, pela cuidadosa revisão do texto. Ainda nessa linha, agradeço ao Mauro Meirelles, da editora CirKula, pelos ajustes finais e pela mediação na preparação da versão impressa desta obra.

A elaboração desse livro tampouco teria sido possível sem o investimento da sociedade brasileira em pesquisa(s) e pesquisadoras(es). Dessa forma, gostaria de agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos financiamentos concedidos entre janeiro de 2015 e fevereiro de 2019. Esta pesquisa também se beneficiou de financiamento do programa

de pesquisa e inovação Horizon 2020 da União Europeia no âmbito do acordo de subvenção Marie Skłodowska-Curie nº886338. Sem financiamento público, a investigação cujos resultados são apresentados neste livro jamais teria sido desenvolvida.

Agradeço em especial à Claudia Fonseca, que não apenas me ofereceu seu olhar atencioso e crítico de orientadora ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa e escrita como também foi uma colega com quem travei inúmeras conversas e reflexões sobre o complexo universo de sujeitos e elementos que se associam ao passado e presente das políticas de controle da hanseníase no país. Obrigada por todos esses anos de trocas, incentivo e aprendizados, tanto aqueles dos nossos debates em grupos de pesquisa e conversas tête-à-tête, como aqueles vindos das nossas viagens e interlocuções de casa em casa. Este livro é resultado de muito trabalho, anos em que estivemos ambas pesquisando temas relacionados à hanseníase e nos quais tive o privilégio de contar com seus preciosos feedbacks. Volto a repetir que a antropologia requer que estejamos atentos em campo e, assim, que desenhemos e (re)desenhemos nossos objetos. Mas ficamos atentos também às(aos) antropólogas(os) que nos afetam, e nesse caminho moldamos as nossas próprias antropologias.

Este projeto tampouco teria sido desenvolvido sem o apoio dos voluntários do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan). Agradeço a todos aqueles que me receberam de portas abertas desde os primeiros dias, em especial Terezinha Prudêncio, Artur Custódio, Paula Brandão, Faustino Pinto, Bil Souza, Francilene Mesquita, Elson Dias, Lucimar da Costa, Cordovil Vila, Rosinha de Rio Branco, Seu Flávio de São Luis, Iverlândia Lemos, Elias Kamel, Raimundo Bezerra, Helyadia Prudêncio, Marli Silva, Evelyne Leandro, Rafael Feitosa, Edimilson Picanço, Reinaldo Carvalho, Getúlio de Moraes, Thiago Flores, entre tantos outros. Agradeço a todas aquelas pessoas que me receberam nas ex-colônias, nos centros de saúde e hospitais; às pessoas atingidas pela hanseníase, aos ex-internos de hospitais-colônia, aos filhos separados, aos familiares e aos demais sujeitos que sempre me acolheram com um café quentinho ou um copo de água gelada. A todos vocês, muito obrigada por essa longa e intensa interlocução e por tornarem este trabalho possível.

Agradeço à equipe do Instituto Nacional de Genética Médica Populacional, em especial à Lavínia Schüller-Faccini e à Flávia Costa

Biondi pela preciosa oportunidade de ter acompanhado de perto o desenvolvimento do Projeto Reencontro que, em grande parte, introduziu-me nesse universo de pesquisa ainda em 2012. Agradeço também a todos que integraram a equipe do GT de ex-colônias, com quem pude colaborar ao longo de 2018 na difícil e estimulante tarefa de mapear as oficinas ortopédicas de ex-colônias do país. Agradeço ainda a todas(os) pesquisadoras(es), médicas(os) e funcionárias(os) da rede de saúde pública que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa, seja auxiliando-me a compreender questões complicadas das chamadas ciências naturais em torno da hanseníase, seja levando-me a conhecer de perto as práticas, desafios e dificuldades envolvidas na execução de seus trabalhos no cotidiano dos serviços de saúde.

Agradeço aos funcionários de serviços de arquivos que tornaram a primeira etapa desta pesquisa possível, em especial, àqueles do Arquivo Público do Estado do Maranhão e da Sala de Memória Aquiles Lisboa, ambos em São Luís, e aos da Biblioteca Nacional e do Acervo Arquivístico da Casa Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Agradeço em especial à historiadora Laurinda Maciel pelas nossas trocas e por suas dicas de como manejar arquivos históricos. Agradeço também aos idealizadores e mantenedores de projetos de arquivos históricos online e aos repositórios online de artigos científicos de acesso livre, que possibilitam a exploração de materiais que, de outra forma, dificilmente seriam consultados.

Agradeço à Alexandra Minna Stern, que me recebeu na Universidade de Michigan entre 2017 e 2018. Obrigada pela recepção atenciosa e pela possibilidade de pensar junto sobre uma antropologia que também é feita de história. Ainda em Ann Arbor, agradeço à Bebete Martins, do Brazil Initiative Program, por sua acolhida “brazuca” e por me oferecer importantes dicas sobre o universo acadêmico norte-americano e seus outros templates. À historiadora Sueann Caulfield, pelas trocas e também pelos convites feitos juntamente com Bebete para almoços de final de semana. Aos historiadores brasileiros Gilberto Hochman e Simone Kropf pelas preciosas trocas e pelo acolhimento em festas de final de ano que deixaram a congelante Michigan bem mais aconchegante.

Agradeço imensamente às(aos) professoras(es) e pesquisadoras(es) Fabíola Rohden, Soraya Fleisher, Jean Segata e Alice Cruz pela leitura cuidadosa e pelos comentários generosos que me ofere-

ceram a partir da primeira versão final deste trabalho. À Soraya também agradeço imensamente pelas trocas de mensagens e ideias, que muito me auxiliaram a pensar na revisão e preparação deste livro. À Fabiola Rohden, que acompanhou o desenvolvimento deste projeto de pesquisa desde o início, agradeço pelas inspirações, sugestões e provocações que em muito definiram os meus caminhos de pesquisa. A investigação antropológica aqui apresentada foi mediada pelas discussões e debates teórico-metodológicos que você nos convidou a realizar ao longo daqueles anos, e agradeço pelo seu constante apoio e incentivo, seja em salas de aula, cafés ou barzinhos.

Agradeço ainda a todas(os) as(os) professoras(es) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial à Patrice Schuch, Paula Sandrine e Denise Jardim, com quem pude partilhar questões e receber sugestões em diferentes momentos da minha trajetória de pesquisa. Também agradeço às(aos) professoras(es) e pesquisadoras(es) Cimélia Bevilaqua, Raf Vanderstraeten, Adriana Vianna e Hansjörg Dilger, com quem também tive a oportunidade de discutir meu trabalho em diferentes momentos e contextos acadêmicos.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas do grupo de pesquisa Ciências na Vida. Muito obrigada por todas as leituras e comentários que fizeram sobre as diversas versões dos meus trabalhos ao longo destes anos e por todas as tardes de café, chimarrão e bate-papos sobre formas de se fazer antropologias das ciências e tecnologias. Foi na intensidade das nossas trocas que rascunhei, apaguei e rascunhei novamente as minhas questões de pesquisa que moldaram este livro. Fabíola Rohden, Claudia Fonseca, Heloisa Paim, Paula Sandrine, Lucas Besen, Helena Fietz, Mário Saretta, Victor Richter, Tatiane Pereira Muniz, Larissa Costa Duarte, Sara Caumo Guerra, Debora Allebrandt, Janaína Freitas, Bruna Kloppel, Eduardo Zanella, Eleonora Coelho, Jéssica Silva, Juliana Loureiro, Marcelle Schmitt, Rodrigo Toniol, Roberta Grudzinski, Rodrigo Dornelles e outros. Às(aos) demais colegas de Pós-graduação, pelas reuniões, apoio e parcerias: Helena Lancelotti, Janaína Bujes, Lucía Copelotti, Oscar Martínez Peña, Marcos Andrades Neves, Valéria Aydos e Marco Antonio Pogliá.

Por fim, agradeço muito aos meus queridos amigos que sempre me ofereceram todo apoio. À Helena Fietz, Mario Saretta e Lucas Besen, muito obrigada por impulsionar esse pequeno espaço de

trocas de ideias e de afetos chamado Ora-pró-nóbis. Ao Lucas, com quem compartilhei as mais diversas questões teóricas, de campo, escrita e revisão ao longo de todo esse percurso e que sempre me estendeu a mão em momentos difíceis. Aos(as) amigos(as) que ofereceram todo o suporte para além da academia: Carol Santos, Glória Besen e família. À Katarzyna Matczak, por todo o apoio no cotidiano menos glamoroso do processo de escrita.